

**“NEM PRECISA LER O QUE TÁ ESCRITO, MAS OLHA AS FOTOS DE MÃE AÍ!”:
NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE DEVOLUÇÃO EM CAMPO E FAMÍLIA¹**

“You don’t even need to read what’s written, but check out the pictures of mom here!” Ethnographic notes on returns in the field and family

“No hace falta leer lo que está escrito, ¡pero mira las fotos de mamá aquí!” Notas etnográficas sobre devolución en campo y familia

Ana Clara Damásio
Doutoranda em Antropologia, Universidade de Brasília
E-mail: anaclarasousadamasio@gmail.com

Áltera, João Pessoa, Número 18, 2024, e01804, p. 1-21.

ISSN 2447-9837

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto e 3 de setembro de 2022 no GT68: Reflexões e práticas sobre a restituição de dados da pesquisa antropológica, sob a coordenação de Jaqueline Ferreira (IESC/UFRJ) e Soraya Fleischer (UnB).



RESUMO:

Este relato etnográfico baseia-se em trabalho de campo realizado junto a membros da minha família no período de 2019 a 2022. A partir do campo, iniciei uma análise sobre como as devoluções de produtos feitos ao longo do campo circulavam dentro do âmbito familiar. Ao devolver diversas formas de publicações, percebi que estas provocavam reações diversas entre minhas parentes-interlocutoras. Dissertações, artigos e desenhos geravam quase nenhuma repercussão no meio familiar, enquanto fotografias e vídeos da pesquisa assumiram a função adicional de “fotos de família”. Tais imagens reverberavam de maneiras distintas entre minhas parentes-interlocutoras, atuando como mecanismos de geração de prestígio, lembranças e material para publicações pessoais em redes sociais. Este relato etnográfico busca analisar como diferentes tipos de materiais de pesquisa devolvidos à família-campo geram efeitos diversos no seio familiar e, por conseguinte, na própria pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia. Etnografia. Metodologia. Devolução.

ABSTRACT:

This ethnographic account is based on fieldwork conducted with members of my family from 2019 to 2022. From the field, I initiated an analysis of how product returns made throughout the field circulated within the family sphere. When returning various forms of publications, I noticed that they elicited diverse reactions among my family-interlocutors. Dissertations, articles, and drawings generated almost no impact within the family circle, whereas photographs and videos from the research took on the additional role of “family photos”. These images resonated in different ways among my family-interlocutors, acting as mechanisms for generating prestige, memories, and material for personal publications on social networks. This ethnographic account seeks to analyze how different types of research materials returned to the family-field generate various effects within the family and, consequently, on the research itself.

KEYWORDS: Anthropology. Ethnography. Methodology. Returns.



RESUMEN:

Este relato etnográfico se basa en un trabajo de campo realizado con miembros de mi familia en el período de 2019 a 2022. Desde el campo, inicié un análisis sobre cómo las devoluciones de productos realizadas a lo largo del campo circulaban dentro del ámbito familiar. Al devolver diversas formas de publicaciones, noté que ellas provocaban reacciones diversas entre mis parientes interlocutoras. Disertaciones, artículos y dibujos generaban casi ninguna repercusión en el entorno familiar, mientras fotografías y vídeos de la investigación asumieron la función adicional de “fotos de familia”. Estas imágenes resonaban de manera diferente entre mis parientes-interlocutoras, actuando como mecanismos de generación de prestigio, recuerdos y material para publicaciones personales en redes sociales. Este relato etnográfico busca analizar cómo diferentes tipos de materiales de investigación devueltos a la familia-campo generan diversos efectos en el seno familiar y, por ende, en la propia investigación.

PALABRAS CLAVE: Antropología. Etnografía. Metodología. Devolución.



TATEANDO O CAMPO

Este relato etnográfico surge como um espaço para compartilhar uma forma possível em que o processo de “devolução” em campo, com diferentes materiais produzidos ao longo do trabalho de pesquisa, pode ocorrer. Aqui, relatarei partes dos processos de “devolução” para minhas interlocutoras sobre os resultados da minha pesquisa. Entretanto, é importante sinalizar que eu pesquiso minha própria família, o que faz com que os contornos da “devolução” se situem em um contexto de alteridade próxima (Peirano, 1999).

Além disso, é importante pontuar que, no presente relato etnográfico, não tratarei da “restituição” em campo. O foco aqui é considerar o que significa “devolução” em campo. A ideia de “restituir” pode ter vários significados, como a restituição para divulgação, a restituição enquanto divulgação dos resultados da pesquisa, ou ainda a restituição no sentido de “devolver” (Rial, 2014). No entanto, neste relato etnográfico, considero que “devolver” e “restituir” são processos diferentes. Além disso, a “restituição” vai além da “devolução”, implicando um retorno mais formal e abrangente dos dados ou artefatos pesquisados aos seus contextos originais, muitas vezes com um sentido de reparação ou justiça.

Por isso, “restituir” e “devolver” não são vistos aqui como facetas do mesmo processo, mas como processos distintos que, dependendo da pesquisa, podem ocorrer simultaneamente. Aqui trataremos especificamente da “devolução” em campo, pois esta se refere ao processo de devolver aos participantes da pesquisa os dados ou produtos gerados durante o trabalho de campo (finalizados ou ainda em estágios iniciais de análise e escrita). O objetivo da “devolução” é compartilhar com os interlocutores os achados da pesquisa, apresentando as interpretações feitas pelo antropólogo e possibilitando que os interlocutores questionem e reflitam sobre os resultados obtidos até aquele momento.

Se a “devolução” é também um retorno dos processos da pesquisa aos seus participantes imediatos, focada na percepção e reconhecimento local, a “restituição” envolve uma dimensão de justiça histórica e ética, visando realizar uma reparação a um grupo específico enquanto se devolve algo de valor cultural ou simbólico ao seu contexto original, ou que porventura possa ter sido levado de alguém ou por alguém. O presente processo de “devolução” aqui também leva em conta que o trabalho de campo é feito entre parentes, o que faz com que essa “devolução” também seja vista como parte das relações, trocas e ajudas que compõem as relações de parentesco.

As devoluções em campo podem ser encaradas inicialmente como um processo de aprendizagem e pesquisa “inesperado”. Digo “inesperado” pois toda devolu-



ção em campo, em certo sentido, pode gerar processos não previstos anteriormente pelo pesquisador. Lembro-me do artigo de Soraya Fleischer (2015) e sua devolutiva em um centro de saúde localizado na Ceilândia-DF. A devolução em campo pode acabar por fechar um campo, pode abrir possibilidades para pensar questões não consideradas inicialmente, pode simplesmente não ter efeito nenhum e não fazer sentido para o campo ou para suas interlocutoras e pode até mesmo impedir diálogos futuros.

Fazer uma devolução em campo, no meu caso, implica em alguns contornos que preciso exemplificar. Desde 2019, realizo pesquisa entre o que intitulo de parentes-interlocutoras. Essas são majoritariamente mulheres da minha família materna. Principalmente minha mãe Analice (54 anos), minha avó Anita (76 anos) e minha tia-avó Itamar (67 anos). Em um primeiro momento (Damásio, 2020), procurei compreender discussões que envolviam geração, curso de vida e histórias de vida dessas três parentes-interlocutoras. Agora, no doutorado, busco compreender como essas relações de parentesco entre elas são espessadas e diluídas através do tempo (Carsten, 2014a, 2014b), buscando igualmente apreender como essa família (a minha) constrói essas mesmas relações de parentesco estando em fluxo entre a *origem*¹ e o *mundo*.

Dito isso, minhas últimas publicações foram sobre minhas parentes-interlocutoras, mas a interlocução de devolução para com a minha família da pesquisa se deu com bastante ênfase antes do primeiro grande material sobre elas ser avaliado por uma banca. Refiro-me aqui à minha dissertação de mestrado, intitulada *Fazer-família e Fazer-antropologia* (Damásio, 2020b). O processo de realizar devoluções antes da finalização da pesquisa auxiliou no próprio desenvolvimento desta, suscitando o levantamento de novas questões e considerações sobre os limites que cada material produzido tinha.

Apesar das assimetrias entre as parentes-interlocutoras serem de natureza distinta, governadas pelas relações de direitos e obrigações do parentesco, em contraste com aquelas apresentadas de maneira clássica na construção da ideia de uma antropóloga profissional, “a desigualdade política – entre quem descreve e quem é descrito – é parte integrante do texto” (Fonseca, 2010, p.10). Trata-se de uma assimetria que não se dissipa com a escrita e as devoluções, mas acredito que entre parentes ela seja mais maleável – por exemplo, minha avó e tia Itamar eram analfabetas, cabendo a mim, portanto, descrevê-las e escrever sobre elas.

Entretanto, creio que elas escreviam outras versões de mim em suas lembran-

1 Tudo que não é o município de Canto do Buriti-PI era nominado enquanto o *mundo*, mas era categoria atrelada principalmente a São Paulo e Brasília. *Origem* é sempre utilizado para se referir a Canto do Buriti, ou seja, aquilo que não é o *mundo*.



ças, nos seus contares e dizeres, mas ao mesmo tempo nós escrevemos e reescrevemos juntas a história da família com os vários retornos realizados ainda durante a escrita da dissertação. Foram muitas as vezes que ao escrever a dissertação eu lia trechos em voz alta para minha mãe ou comentava algo com tia Itamar por áudio no WhatsApp² e elas afirmavam: “Não é bem assim!”, “Tá faltando um parente nessa árvore [genealógica]! Pergunta pra mãe [minha avó] quem era o tio Edgar!” ou ainda “É assim mesmo que acontece!”. Dessa forma, elas tinham a possibilidade de afirmar se minhas análises etnográficas faziam sentido ou não ao longo das devoluções.

Ao realizar esse processo de diversas idas e vindas com as devoluções (e estar aberta para escutar os retornos), eu percebia que a ideia de completude em relação às histórias que eu contava era inexistente, pois, a cada vez que eu contava uma mesma história, elas adicionavam mais camadas, mais nuances ou modificavam algo. Por outro lado, elas refinavam as análises que eu fazia, deixando o resultado final um pouco mais bem acabado. Afinal, era a história delas também, que elas me “ajudavam” a contar, como me lembravam frequentemente. Nesse sentido, era uma etnografia composta por várias “ajudas” que tomavam parte nas dádivas, dívidas, obrigações e direitos que eu estabelecia com as minhas parentes-interlocutoras enquanto parente e antropóloga.

Ademais, esse movimento de pesquisar e escrever com-sobre-entre parentes poderia ser tomado como o que Conceição Evaristo (2006) intitulou de “escrevivência”, conceito aqui utilizado como dispositivo heurístico para estar entre parentes ao longo do campo e em seguida escrever sobre os mesmos. Em *Becos da memória*, a autora aponta para pequenos encontros com pessoas-personagens que estão em meio ao que ela intitula de “desfavelamento”. E esse processo de entender o mundo em diálogo com o que viveu e o que imaginou é feito como se ela afirmasse que a vida, de forma inexplicável, continuava a correr como um rio em meio a todo e qualquer acontecimento.

A vida era a matéria falante que Evaristo colocava à sua frente e acabava nos mostrando uma faceta amarga da existência, constituindo sua “escrevivência”. Sua escrita advinha de tudo que a compunha como ser, como ancestralidade, como gesto de vida. Ela me ensinou, por fim, que escrever e viver são experiências indissociáveis. Assim, foi em meio a essa minha “escrevivência” que as devoluções entre parentes-interlocutoras atravessavam os corpos de parentes, seus cursos de vida, suas lembranças, seus (e meus) afetos, nossos conflitos, caminhos e descaminhos. A pesquisa com parentes e as consecutivas devoluções eclodiram como um fazer de

2 WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.



velhas-novas histórias contadas em conjunto, suscitando uma etnografia feita com diversas mãos, polifônica.

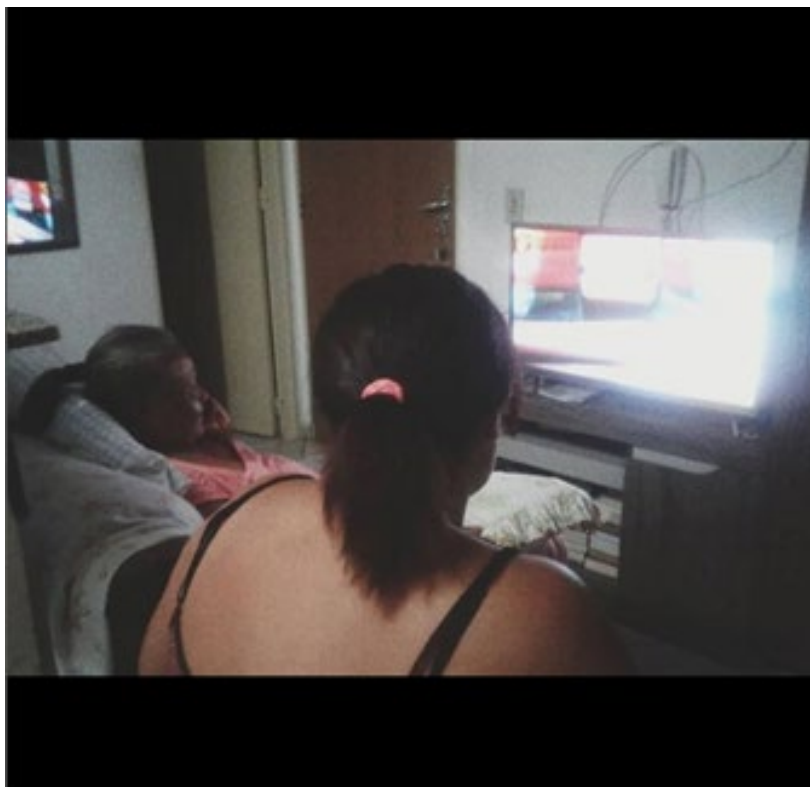
A devolução em campo representa uma fase crucial do trabalho antropológico, pois nos confronta com as escolhas relacionadas ao que decidimos devolver e mostra essa devolução revela nossa abordagem em relação às pessoas para as quais estamos devolvendo (Damásio, 2022a). Este processo nos desafia a permitir que nossos interlocutores tirem suas próprias conclusões a respeito daquilo que denominamos etnografia. Por isso, nas próximas seções, busco elencar algumas devoluções que fiz para minhas parentes-interlocutoras nos últimos quatro anos. Circunscrevo a devolução a três materiais diferentes: um curta-metragem etnográfico, desenhos e fotografias. Ao final da apresentação, será possível visualizar por que alguns materiais³ possuem maior aderência devolutiva no meu campo de pesquisa do que outros. Desse modo, será possível vislumbrar por que, apesar de diversos materiais visuais apresentados às minhas parentes-interlocutoras, a fotografia ganha um espaço especial no meu contexto de pesquisa.

A DEVOLUÇÃO DO CURTA

Ao final do meu trabalho de campo do mestrado em 2019, minha tia Itamar decidiu vir “passar um tempo” comigo e minha mãe no Distrito Federal. Assim que nos reunimos, decidi editar parte do material audiovisual que construí em campo e acabei fazendo um curta-metragem não intitulado de 15 minutos e 9 segundos. Minha ideia era levá-lo a um congresso em que eu iria participar enquanto expositora em um grupo de trabalho, mas, antes disso, queria ver o que elas achavam e se autorizariam que eu divulgasse o material ao público presente no congresso. Esse movimento, de certa forma, inverte algumas práticas de devolução que buscam devolver o material depois que ele estava finalizado, publicado ou divulgado. Meu processo de devolver andava junto com o processo de construir o material, sendo divulgado para um público mais amplo somente depois de passar por elas.

3 Embora desenhos e fotografias estejam presentes no presente relato etnográfico, esses elementos visuais não são o núcleo da argumentação, mas sim complementares ao tema principal: “devolução”. O objetivo é explorar o conceito de “devolução” no contexto etnográfico e não o de produzir uma análise aprofundada vinculada à antropologia visual. Remeto o leitor interessado em antropologia visual aos artigos de Azevedo (2016) e Gama (2020), que oferecem um panorama riquíssimo sobre a antropologia, o desenho e a fotografia em contextos históricos amplos.





Fonte: Fotografia da minha autoria, 2019.

Na sala de uma quitinete em Vicente Pires-DF, no dia 19 de agosto de 2019, coloquei minha mãe e tia Itamar sentadas no único sofá da casa e de frente para uma TV que ficava em cima de um móvel de madeira retangular. Era noite, por volta de 19h, havíamos acabado de jantar e já estávamos de pijama. Antes da exibição, avisei do que se tratava, informando que havia gravado as imagens para a pesquisa do mestrado e que, com a aprovação delas, eu poderia levar o curta a congressos de que participaria nos anos seguintes. Dei *play* e elas começaram a vislumbrar o que ocorria. A protagonista do curta era tia Itamar, sua casa e seu cotidiano na *origem*. Ela sorria e no meio da exibição exclamou: “Então é isso que essa menina ficava fazendo com aquela câmera na mão o dia todo!”. Ela e minha mãe caíram na gargalhada. “Olha a Nita (minha avó)!”, dizia Itamar.

As cenas do vídeo eram essenciais para minha pesquisa. Contavam sobre a volta da minha tia Itamar para Canto do Buriti depois de mais de 40 anos trabalhando como empregada doméstica em São Paulo. Falava da volta “triumfal” dela que, como *Tieta*⁴,

4 *Tieta* é uma telenovela brasileira produzida pela TV Globo e exibida de 14 de agosto de 1989 a 31 de março de 1990, em 196 capítulos. É livremente inspirada no romance *Tieta do Agreste*, de Jorge Amado. A história se passa na fictícia cidade de Santana do Agreste, localizada na região nordeste do Brasil, próxima de Aracaju e Salvador. *Tieta* é expulsa pelo pai, Zé Esteves, irritado com o comportamento liberal da jovem e influenciado pelas intrigas de sua outra filha, Perpétua. Humilhada, *Tieta* segue para São Paulo. Vinte e cinco anos depois, *Tieta* reaparece, rica e exuberante, decidida a se vingar da família e das pessoas que a maltrataram.

fora expulsa da sua cidade natal. Tia Itamar voltou e construiu a maior e mais “moderna” casa da rua. O vídeo mostrava sua cozinha, suas panelas, suas fotografias, suas andanças pela cidade. Após a exposição do vídeo, tanto minha mãe quanto minha tia Itamar começaram a elogiar o vídeo e me autorizaram a exibi-lo em diferentes lugares em prol da minha pesquisa. Mas aconteceu algo mais interessante: tia Itamar pediu para que eu enviasse o curta para o WhatsApp dela. No mesmo instante lembrei que quando estava fazendo pesquisa de campo na casa dela, ela solicitou que eu gravasse um vídeo de toda a casa dela, pois gostaria de compartilhar com suas amigas “que ficaram em São Paulo”.

Veza ou outra, tia Itamar me mandava vídeos de “bom dia” e orações no meu WhatsApp. O vídeo se insere também em um contexto anterior às redes sociais, remetendo à experiência com a televisão, que em muitos lugares é a companheira de casa que espanta o silêncio ao longo do dia. Seja nas redes sociais ou com a televisão, a circulação de vídeos e fotografias dentro da família era algo cotidiano, ainda mais quando estávamos falando com pessoas não letradas, como o caso da minha tia. O audiovisual não passava pelas palavras escritas que podem constituir uma grande barreira para a comunicação, de modo que o material audiovisual era bem recebido como devolução.

No começo do campo de 2019 em Canto do Buriti, escrevi uma mensagem no aplicativo WhatsApp para Itamar perguntando a que horas eu poderia visitá-la. Tia Itamar então me respondeu por áudio no WhatsApp:

Oi, Clara, bom dia! Tá tudo bem aí? Tá tudo em paz? Aqui comigo tá tudo bem. Seja bem-vinda! E quando você mandar (mensagem escrita), você manda áudio. Tá bom, minha linda? Manda áudio. Eu sei que você acha que todo mundo sabe ler, mas aí você manda áudio. Tá bom? Fica com Deus. Tchou! Tchou! (Diário de campo. Março de 2019).

A sensação de quando ouvi esse áudio foi de constrangimento, pois eu não queria ter deixado minha tia desconfortável por ela não saber ler. Além disso, ela me fez compreender que eu inferia que todos e todas que eu conhecia eram alfabetizados, o que chamava minha atenção para outro aspecto do campo. O compartilhamento de números de telefone celular e, principalmente WhatsApp, era bastante comum em Canto do Buriti, de modo que, ao longo da pesquisa, troquei o número do telefone com minha tia e muitas outras mulheres. No lugar de escrever, o áudio era a forma mais comum de interação no espaço virtual em conjunto com os vídeos.

Se, no espaço acadêmico, a escrita é a forma mais comum de comunicação (e-mails, monografias, dissertações, apresentações, *slides*), minha tia me mostrou que era hora de rever meu posicionamento e entender que nem todo mundo tinha



acesso a essa forma de comunicação. Isso revelava mais um posicionamento em relação à minha família e às devoluções possíveis naquele contexto: elas estavam vinculadas à forma audiovisual. Nesse momento do campo eu ainda estava me familiarizando com tia Itamar e sequer fazia ideia que ela não sabia ler. Não por acaso, com o fim do campo, a primeira devolução veio em forma de curta. O audiovisual fazia sentido, era acessível, dialogava diretamente com a tia Itamar e ainda se tornou um material que iria circular em suas redes sociais (e criar outros significados, outros sentidos, outras formas de uso e vinculações).

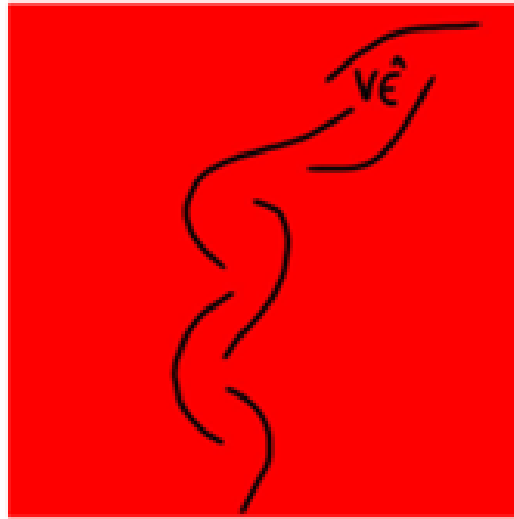
A DEVOLUÇÃO DO DESENHO

O desenho se insere no meu campo de uma forma inesperada, pois comecei a desenhar depois do campo e enquanto escrevia a dissertação. Desenhar virou o caminho pelo qual eu dava vazão à experiência de pensar antropologicamente o processo de tentar escrever e fazer um texto. Em muitos dias, o desenho era a única maneira possível de expressar antropologicamente o que eu queria escrever. Ao mesmo tempo, o desenho transbordava e ganhava vida para além das palavras. Não por acaso o título do ensaio devolvido para minhas parentes era: “A escrita no isolamento: quando o desenho vira parte constituinte da etnografia” (Damásio, 2021a). Como aponta Karina Kuschnir (2014), desenhar é um caminho efetivo de contribuição para a produção de conhecimento antropológico.

Entretanto, em meu contexto de pesquisa, eu não fazia desenhos considerados realistas. Meus desenhos poderiam ser chamados de “abstratos”. Isso trouxe questões específicas para a devolução dos desenhos entre minhas parentes-interlocutoras. Ao mostrar um dos meus ensaios desenhados publicados, recebi a seguinte reação por parte da minha mãe: “Hum. Legal. Ficou bonito”. Em outros momentos apresentei outros desenhos que fiz ou publiquei para elas sobre o campo, mas os comentários eram sempre genéricos e voltados para expressões como a seguinte: “Que bacana!”. Eram sempre expressões esvaziadas ou com um sentido muito específico, como veremos. Um dia perguntei o que minha mãe achava dos desenhos sobre o campo entre elas que eu fazia e ela me respondeu: “É bacana, né! Mais uma publicação! Mas eu não entendo muito essas coisas”. Essas coisas eram os desenhos.



o desenho não aderente quando o desenho era parte constituinte da imagem



Ensaios Visuais

Fonte: Proa: Revista de Antropologia e Arte, 2019.

Em vez de ficar chateada pela não aderência dos meus desenhos em campo como material de devolução, coloquei essa não aderência em uma caixa relacional. Comparados ao curta-metragem, os desenhos estavam na caixa dos materiais não compreensíveis. O curta, por sua vez, era um material que não apenas tinha aderência, como também passava a circular em outros âmbitos para além da pesquisa. O desenho, entretanto, nem mesmo entrava nas trocas internas entre minhas parentes-interlocutoras. Não era enviado de uma para outra no WhatsApp.

Mas é importante retomar o chamado que tia Itamar me deu quando lhe enviei um texto escrito no WhatsApp e ela respondeu que nem todo mundo sabia ler (palavras). Era preciso levar em conta que nem todo mundo considerava o desenho (que eu fazia) como uma ferramenta de comunicação adequada ou com sentido na/para própria vida. Assim como tia Itamar não entendia as letras, minha mãe não se apegava aos desenhos. Os não entendimentos provinham de locais diferentes, mas me mostravam que alguns materiais de pesquisa não repercutem no campo, apesar de repercutirem nos espaços acadêmicos e entre meus pares. Havia, porém, um material que reverberava, e reverberava muito mais que o vídeo e o desenho – e para todas as minhas parentes-interlocutoras. Vamos às fotografias.

A DEVOLUÇÃO DAS FOTOGRAFIAS

Era julho de 2020 e eu estava no Distrito Federal com minha mãe. Minha tia Itamar já havia voltado para Canto do Buriti. Meses antes eu havia submetido um ensaio visual sobre minha avó para uma revista. Antes da publicação eu o havia mostrado para minha mãe e minha avó, e, assim que saiu a publicação, mostrei para minha mãe. O título do trabalho era: “Entre parentes e lembranças, considerações etnográficas sobre o tomar de conta em meio ao curso de vida em Canto do Buriti-PI” (Damásio, 2020a). Chamei minha mãe e li a apresentação do ensaio visual, que é a seguinte:

Para elaborar a dissertação de mestrado, fiz pesquisa de campo no primeiro semestre de 2019, durante três meses, em Canto do Buriti-PI. A pesquisa tinha como objetivo compreender as concepções de velhice e os agenciamentos necessários para o cuidado com o corpo velho. Lá, as mulheres de idade com quem convivi, minhas parentes, usavam as lembranças e o lembrar como mecanismos para ordenar um mundo que não era dominado pela escrita, mas sim pela oralidade. As lembranças são uma forma de evocar tempos e experiências vividas. Lembranças escapam, portanto, é preciso contá-las repetidas vezes como forma de não esquecer o costume de Canto do Buriti. Como denomina Nathan Virgílio (2018), as lembranças surgem da necessidade de organizar acontecimentos vividos e que só são contados porque de alguma forma marcaram o corpo que os conta. A rigor (Bosi, 1994), não há como ignorar o tratamento da memória como fenômeno social, pois as lembranças que emergem de um indivíduo estão demarcadas por todo um contexto relacional e localizado com “a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (p. 17). Assim, as fotografias acionam um contexto em que se pode acompanhar, através da minha narrativa imagética, um imbróglio que mobiliza imagens e concepções sobre velhice, higiene, autonomia, individualidade e as disputas sobre o controle do sujeito velho através das estórias de vida da minha avó. Como aponta Suely Kofes (1994), as estórias de vida podem ser consideradas “interpretações individuais de experiências sociais”. Nesse contexto, a narrativa é de uma mulher que após “cair para a idade”, ficou dependente do “tomar de conta” das filhas que estavam no mundo (São Paulo e Brasília), tendo então que largar suas origens e adentrar esse mundo. Dessa forma, episódios como esses apontavam os interstícios, as fragilidades e vulnerabilidades das possibilidades de autonomia da pessoa idosa. As fotografias foram produzidas com Câmera Canon – EOS T6i com lente Canon EF-S 18-55mm e os ajustes de cor, saturação e brilho foram realizados com o editor para fotografias Photoshop.

(Damásio, 2020a, p. 2)

Após a leitura inicial, mostrei as fotos que estavam no ensaio para minha mãe. Seguem abaixo duas fotos para exemplificar:





Fotografia 04:

Dessa forma, entre esses “*véis*” e “*véias*”, parentes-interlocutores ou não, eu me encontrava enquanto alguém que contava histórias que me foram contadas, mas em forma de fotografia. A arte em escutar essas mulheres e homens que nasceram entre as décadas de 1950 e 1960 era a possibilidade de vislumbrar experiências e tempos que me escapavam, assim como perceber que “contar histórias sempre foi à arte de contá-las de novo, e elas se perdem quando as histórias não são mais contadas” (BENJAMIN, 1994, p. 205). Essas histórias deixarão de ser contadas, essas *lembranças* deixarão de ser lembradas e ouvi-las e cristalizá-las em um texto-fotografia talvez contribua com a possibilidade de que elas não sejam esquecidas, mas possam ser acessadas e, quem sabe, contadas novamente. Foto: Ana Clara Damásio, 2019.



Fotografia 08:

Minha avó queria levar doce de buzi, pimenta de cheiro, abóbora, doce de leite, carambola e mel para nossas parentes em Brasília. Comprei tudo na feira e voltamos com as malas cheias para distribuir. “Em outros tempos eu levava mais, agora só dá pra levar esse tiquinho”, ela me disse. Apenas eu carregaria as malas, por isso ficávamos limitadas a minha força física para levar tudo até Brasília. Lambu, sua vizinha, visitou minha avó um dia antes de partirmos e disse: “Já tá indo embora pra Brasília, Dona Nita?”. Minha avó sorrindo, respondeu: “Não, tô indo viajar. Eu volto!”. Ainda nas escritas dessas linhas, minha avó não havia voltado e continuava então sua viagem no *mundo*. Foto: Ana Clara Damásio, 2019.

Fonte: Revista Equatorial, 2020.



Assim que minha mãe viu as fotografias ela espontaneamente solicitou que eu enviasse o ensaio visual para o WhatsApp dela. No momento não entendi bem o porquê, mas encaminhei um arquivo em PDF para o celular dela. Pouco depois ela gravou um áudio para sua irmã que estava em São Paulo, em que dizia: “Rai! Tudo bem? Olha aí o que tô te mandando! É uma publicação da Clara sobre mãe! Tem um monte de foto de mãe! Manda pra Alaide! [irmã de ambas]”. Minha mãe encerrou o áudio e começou a gravar outro. Dessa vez, era para tia Itamar, que estava em Canto do Buriti-PI: “Itamar! Como tá? Acabou de sair uma publicação da Clara sobre mãe! Nem precisa ler o que tá escrito não, mas olha as fotos de mãe aí! Bom para calar a boca daquele povo linguarudo”.

Em um primeiro momento, fiquei espantada com o fato da minha mãe dizer que “o que tá escrito” não era importante, mas sim as fotografias que estavam dentro da publicação. Ao mesmo tempo, eu percebia outros movimentos. Minha mãe enviou a publicação para sua irmã (Rai) em São Paulo e para Itamar (sua tia) em Canto do Buriti. Ela tinha conhecimento de que Itamar não sabia ler palavras, mas sabia ler as imagens. Isso era importante. Ela mandou a publicação para Rai, a única dos sete filhos da minha avó com curso superior. Ela ainda solicitou que Rai enviasse para Alaide (irmã da minha mãe e da tia Rai), que era a mais velha das irmãs e que possuía o Ensino Médio. Independentemente da escolaridade, todas saberiam ler as imagens.

Outro componente também entra na equação, mais especificamente quando ela diz: “Bom para calar a boca daquele povo linguarudo”. O povo ao qual ela se referia eram as primas paternas da minha mãe Ana, tia Alaide e tia Rai, que estavam em Canto do Buriti e que falaram que minha avó estava “largada” em Brasília. Quando uma prima da minha mãe disse isso lá em Canto do Buriti e a informação chegou até minha mãe por meio de áudio de WhatsApp da tia Itamar, toda a família materna (que estava do Distrito Federal e em São Paulo) encarou aquilo como uma ofensa de ordem moral.

Esse fato fez com que minha mãe e minhas tias ficassem considerável tempo sem falar com essa prima paterna. A publicação do ensaio entrava em um novo circuito e lógica, sendo utilizado como mecanismo para criar prestígio dentro da família. O ensaio visual mostrava como minha avó estava sendo acompanhada e estava “famosa”, como disse tia Itamar ao comentar o ensaio visual que recebeu em seu WhatsApp. Logo que minha mãe terminou de ouvir o áudio da tia Itamar, me perguntou quando eu iria publicar um ensaio sobre a tia, pois essa última já havia perguntado. Isso adicionava mais uma camada, mas agora atrelada às minhas relações de parentesco. Era esperado que eu devolvesse à tia Itamar um ensaio sobre ela e não apenas sobre minha avó, afinal de contas ela também havia sido uma ativa interlocutora em campo e era minha parente. Eu estava sendo duplamente cobrada, como antropóloga e parente.





Fonte: Autoria de Ana Clara Damásio, 2024

A fotografia tinha uma aderência e uma circulação maior enquanto produto de devolução em campo e isso não era por acaso. Todas as casas das minhas parentes-interlocutoras possuem álbuns de fotografias “de família” e fotos de parentes queridos distribuídos pelas salas e outros cômodos. Quando estava em Canto do Buriti em 2019, tive acesso aos álbuns da minha avó Anita. Já em junho de 2019 fui convidada para almoçar na casa da tia Itamar e, após o almoço, ela me chamou para ver suas fotografias. Ela entrou em seu quarto e trouxe todos os álbuns que estavam em uma gaveta.

Vimos juntas fotografia por fotografia. Ela me contou quem eram as pessoas que iam aparecendo, os momentos em que as fotografias foram tiradas, quem tirou cada uma delas. “Nessa época eu ainda usava calça jeans”, “Olha como eu era mais magra”, “Essa foi em um ano novo”, “Eu como sempre em volta das panelas”. Em um momento da nossa visita às fotografias, ela disse: “Pra mim as fotos são lembranças. Só ficam as lembranças. Tem horas que, vendo essas fotos, bate uma saudade. Os anos passam e a gente nem vê”. As fotografias ajudavam a lembrar, a contar e a refazer relações de parentesco ao longo do tempo.

As fotografias já estavam em campo e na vida das minhas parentes-interlocutoras muito antes da minha pesquisa (ou do meu nascimento). Ao longo do campo eu tirava fotografias delas e era acionada para que enviasse as mesmas por WhatsApp.

Durante minha última ida a Canto do Buriti, em dezembro de 2021, fui acionada para fotografar refeições, idas ao centro da cidade, nosso cotidiano ali na *origem*. A fotografia estava nesses espaços como uma forma de comunicar sobre a vida em família, mas principalmente seus momentos felizes e de união. Elas figurariam posteriormente não apenas como “lembranças”, como disse tia Itamar, mas como boas lembranças em família. Ao mesmo tempo serviriam de material para minha pesquisa. Ao olhar para as relações de parentesco era possível apreender o porquê da fotografia ser o material de devolução mais eficaz nesse campo.

DEVOLUÇÃO: POTENCIALIDADES E DESAFIOS

Este relato etnográfico teve como intenção fazer um primeiro movimento de sistematização dos diferentes materiais devolvidos ao longo dos meus últimos anos em campo, pesando suas potencialidades e limites. Considero necessário ponderar como realizar uma etnografia em casa (Damásio 2021b) implicava que muitas devoluções não se manifestavam apenas em forma de publicações prontas, fazendo da própria devolução um processo que antecedia também a publicação e era parte constituinte da pesquisa e das análises que eu fazia posteriormente (nas publicações).

Através desse processo, as devoluções também influenciavam profundamente a trajetória da construção das minhas visões e ideias em relação ao campo. Essas devoluções destacavam como a escolaridade, classe social, raça e relações de parentesco apontavam quais materiais eram mais pertinentes ao contexto e seriam mais bem recebidos, e quais não faziam sentido algum. Por outro lado, elas traziam à tona a importância de olhar para esses marcadores a fim de levar o próprio campo em consideração.

E esse processo diz muito sobre como minha posicionalidade estruturava meu campo, pois eu não era entendida por minhas parentes no âmbito de “precisamos colaborar com uma antropóloga nessa pesquisa”. Minhas relações de parentesco convertiam meu papel e trocas em campo muito mais nos termos do “estamos ajudando a Clara!”. Ajudar a Clara era ajudar uma parente a fazer coisas no mundo. Era também corroborar nossas trocas de parentesco que se espriavam ao longo do tempo (muito antes da pesquisa e para além dela).

Creio que esse é um aspecto relevante também para que eu percebesse como as minhas devoluções em campo contribuíram para estreitar as relações com minhas parentes. Elas também fizeram com que eu tivesse um papel ativo em procurar



devolver o que pesquisei e ponderar sobre os feitos disso ao longo do tempo. Um dos efeitos não previstos foi perceber como certos tipos de materiais devolvidos tinham muito mais aderência (fotografia e curta-metragem) do que outros (desenho e textos). Por fim, elas também contribuíram para que minhas devoluções tivessem efeitos inesperados e sofríveis. Explico-me.

Minha última devolução foi em agosto de 2022 por meio de um artigo publicado enquanto minha mãe e minha avó estavam em Canto do Buriti e eu no Distrito Federal. Essa foi a primeira peça que não passou por nenhum tipo de devolução antes da sua publicação. A peça está intitulada-se "O caminho do parentesco ou o parentesco como situação inescusável?" (Damásio, 2022b). Ela buscava descrever, analisar e compreender etnograficamente como, a partir de duas parentes-interlocutoras, minha mãe Analice (54 anos) e minha avó Anita (75 anos), eu conseguia desenhar, pensar e mensurar os caminhos do parentesco que se enredam nos caminhos do gênero e da geração, para então compreender contemporaneamente a inescusabilidade do parentesco. Quando a peça foi publicada, minha mãe e minha avó já haviam voltado para Brasília a fim de morar comigo.

Em mais um movimento de devolução, li todo o artigo para minha mãe. Enquanto lia, explicava de forma compreensível os trechos mais teóricos e focava no relato etnográfico que tinha como ponto de partida a história de vida dela. Ao longo da leitura, ela parecia concordar com o que eu lia, com as análises que fui fazendo, mas no fim ela me colocou uma questão: "É isso aí... Mas um dia você me fez uma pergunta que até hoje não sei responder pra mim mesma. Tu disse que eu fiz muito por você, pelo seu pai, pela sua avó, mas e por mim? O que eu fiz por mim?"

Eu não me lembrava de ter feito tal pergunta para minha mãe e não sei em que condição a fiz, se como parente ou antropóloga. Talvez em ambas, já que essa questão se aproxima desses dois papéis sociais desempenhados por mim, papéis miscíveis e que só podem ser separados em níveis analíticos. Entretanto, havia uma dimensão que eu não tinha me dado conta antes dessa devolução específica. As constantes devoluções que faço em campo geram questões para minhas parentes, fazendo com que elas revejam o próprio curso de vida, elaborem perguntas para si mesmas que talvez nunca sejam respondidas, e me endereçando perguntas que talvez eu nunca consiga responder... A devolução tem o poder de transformar efetivamente a vida das nossas interlocutoras (e parentes, no meu caso), de modo que pensar como cada material media essa relação, que envolve fazer pesquisa científica, contribui também para ponderar o poder social de transformação da antropologia no mundo.



CODA

Em dezembro de 2023, durante um encontro familiar no decorrer de um período de trabalho de campo, todas as minhas tias visitaram minha casa no Distrito Federal para celebrar as festas de fim de ano. Nesse contexto, decidi realizar uma nova devolução: entreguei as fotografias da minha avó que haviam sido utilizadas em duas exposições etnográficas ao longo de 2023.⁵ Em 22 de janeiro de 2024, minha tia Rai, que reside em São Paulo, enviou a seguinte mensagem para minha mãe pelo WhatsApp: “Bom dia, Ana, tudo bem? Olha como ficou o quadro da mãe que a Clara me deu”. A parede da casa foi então preenchida, ao lado de muitas outras fotos de parentes, com aquela imagem capturada para a pesquisa. Agora, essa foto não apenas compunha uma exposição etnográfica vinculada à Antropologia, mas estava integrada à parede da sala em outro tipo de exposição, recontando a história da família e também da pesquisa.

O gesto aparentemente simples de devolver as fotografias da minha avó, utilizadas nessas exposições etnográficas, transcende o ambiente acadêmico ao se integrar à dinâmica familiar, ao re-fazer memórias. A mensagem enviada pela tia Rai para minha mãe evidencia como a pesquisa não apenas permanece no domínio acadêmico, mas se incorpora ao cotidiano, tornando-se parte integrante da narrativa visual familiar. A imagem, agora parte da parede da casa ao lado de outras fotos familiares, passa a desempenhar um papel duplo: não apenas compõe uma exposição etnográfica, mas também se converte em um elemento central na reconstrução da história da família. Essa interseção entre a pesquisa etnográfica e a vida cotidiana destaca a importância da Antropologia não apenas para observar, mas sim participar ativamente da tessitura das narrativas das nossas interlocutoras. Portanto, é importante considerar como a devolução não apenas participa do processo de pesquisa, mas também a constrói.

⁵Essas exposições ocorreram no VI Negras Antropologias em 2022 e na sede do Iphan em Brasília no evento *21 dias De Ativismo*, iniciado em 20 de novembro com o Dia da Consciência Negra e que se estendeu até 10 de dezembro.





Fonte: Autoria de Raimunda, 2024

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aina. Um convite à antropologia desenhada. **METAgaphias**, v. 1, n. 1, p. 194-208, 2016.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. **R@U**, v. 6, n. 2, p. 103-118, jul./dez. 2014a.
- CARSTEN, Janet. Entrevista com Janet Carsten. **R@U**, v. 6, n. 2, p. 147-159, jul./dez. 2014b.
- DAMÁSIO, Ana Clara. A escrita no isolamento: quando o desenho vira parte constituinte da etnografia. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 373-384, 2021a. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/16665>. Acesso em: 22 out. 2024.
- DAMÁSIO, Ana Clara. “Agora sei o que você faz, você conta histórias!”: notas etnográficas sobre um Diário de Campo Visual Público, alteridade, colonialidade e posicionalidade. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 1-24, 2022a.
- DAMÁSIO, Ana Clara. Entre parentes e lembranças: considerações etnográficas sobre o tomar de conta em meio ao curso de vida em Canto do Buriti-PI. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN**, v. 7, n. 13, p. 1-11, 2020a. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/20961>. Acesso em: 22 out. 2024.
- DAMÁSIO, Ana Clara. Etnografia em Casa: entre parentes e aproximações. **Pós – Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 1-32, 2021b.
- DAMASIO, Ana Clara. **Fazer-Família e Fazer-Antropologia uma etnografia sobre cair pra idade, tomar de conta e posicionalidades em Canto do Buriti-PI**. 2020. 206 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020b.
- DAMÁSIO, Ana Clara. O caminho do parentesco ou o parentesco como situação inescusável?. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN**, v. 9, n. 17, p. 1-13, 2022b. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/27915>. Acesso em: 22 out. 2024.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- FLEISCHER, SORAYA. Autoria, subjetividade e poder: devolução de dados em um centro de saúde na Guariroba (Ceilândia/DF). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 9, p. 2649-2658, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015209.03312015>. Acesso em: 22 out. 2024.
- FONSECA, Cláudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”. In: SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; PETERS, Roberta (org.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: UFRGS, 2010, p. 205-227.



GAMA, Fabiene. Antropologia e Fotografia no Brasil: o início de uma história (1840-1970). GIS – **Gesto, Imagem e Som – Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 82-113, 2020.

KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais. **Cadernos Pagu**, v. 3, p. 117-141, 1994.

KUSCHNIR, Karina. Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 3, n. 2, p. 23-46, 2014.

PEIRANO, Mariza. A alteridade em contexto: A antropologia como ciência social no Brasil. **Série Antropologia**, Brasília, v. 255, p. 1-30, 1999.

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Roubar a alma: ou as dificuldades da restituição. **Tesisituras**, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 201-212, jul./dez. 2014.

VIRGÍLIO, Nathan. **Pensa que é só dar o de-comer?** Criando e pelejando com parente e bicho bruto na comunidade do Góis-CE. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

